

En Doiro, antr'o Porto e Gaia

Estudos de Literatura Medieval Ibérica



Organização

JOSÉ CARLOS RIBEIRO MIRANDA

revisão editorial

RAFAELA DA CÂMARA SILVA



estratégias criativas

PORTO

En Doiro, antr'o Porto e Gaia

Estudos de Literatura Medieval Ibérica





TRADUÇÃO E TRADIÇÃO DA *GENERAL ESTORIA* EM PORTUGAL:

SOBRE AS IMPLICAÇÕES DO FRAGMENTO ANTT CX. 13, MAÇO IO N^o 30

MARIANA LEITE
SMELPS-IF

Composta entre 1274 e 1284, a *General Estoria* de Afonso X visa relatar a história da humanidade desde a criação do Mundo até ao reinado do próprio monarca, ao longo de seis partes que, na edição integral de 2009¹, se estendem por mais de dez mil páginas. O propósito de narrar exaustivamente todos os feitos conhecidos da História foi interrompido pela morte do rei, deixando-se assim o projecto no momento inicial da 6^a parte, ou seja, quando se daria início ao relato da vida de Santa Maria e se enuncia o limite cronológico da magistral obra alfonsina.

Congregando matéria bíblica e pagã em proporções consideravelmente mais equitativas do que a maioria das histórias universais coevas², a *General Estoria* procede da tradução exaustiva e da compilação crítica de fontes. À Bíblia Vulgata³ juntam-se os autores latinos mais importantes, como Ovídio⁴ ou Plínio; à narração da história do povo eleito

1. Alfonso X el Sábio, *General Estoria*, Pedro Sánchez-Prieto Borja (coord.), Madrid, Fundación José António de Castro, 2009.
2. Muitas das quais foram usadas como fonte, como o *Pantheon* de Godofredo de Viterbo (*Germanicorum scriptorum, qui rerum a germanis [...]. Ex bibliotheca Joannis Pistorii Nidani, D. Vitas auctorum qui hoc volumine continentur, invenies in praefationibus*, Ratisbona, Sumptibus Joannis Conradi Peezi, 1726), a *Historia Scholastica* de Pedro Comestor (Petrus Comestor, «Historia Scholastica», in Jacques-Paul Migne (ed.), *Patrologia Latinae CXCVIII*, Turnhout, Brepols, 1844-1864; Petrus Comestor, *Scholastica historia. Genesis*, Agneta Sylwan (ed.), (Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis 191), Turnhout, Brepols, 2005 ou ainda o ibérico *Chronicon Mundi* de Lucas de Tui (*Lucae Tudensis Opera omnia. Tomus I. Chronicon mundi*, Emma Falque Rey (ed.), (Corpus christianorum. Continuatio mediaevalis 74), Turnhout, Brepols, 2003).
3. Margherita Morreale, «La *General Estoria* de Alfonso X como Biblia», in G. Bellini (ed.), *Actas del Séptimo Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas, Venecia, 1980*, Roma, 1982, vol. I, pp. 767-773. *Idem*, «La fraseología bíblica en la *General Estoria*: observaciones para su estudio», in A. Crisafulli (ed.), *Linguistic and Literary Studies in honor of Helmut A. Hatzfeld*, Washington D.C., The Catholic University of America Press, 1984, pp. 269-278.
4. Sobre a recepção de Ovídio na *General Estoria*, veja-se Irene Salvo García, *Ovidio en la «General estoria» de Alfonso X*, Universidad Autónoma de Madrid – École normale supérieure de

acrescentam-se os feitos dos deuses pagãos e heróis da antiguidade; à tradução dos Salmos e livros sapienciais bíblicos⁵ une-se a tradução integral das *Heróidas*, dos *Romans de Troie*, de *Thèbes* e de *Alixandre* ou a *Farsalia*; finalmente, a compilação de fontes⁶ engloba quer as obras mais reconhecidas de autores consagrados do pensamento cristão, quer textos da tradição árabe, aos quais muitas vezes se vai beber grande parte do conhecimento sobre geografia, astrologia e filosofia.

Este ponto de partida sobre o que encerra a *General Estoria* permite compreender e questionar a posteridade da obra. É, por um lado, fundamentalmente um trabalho de carácter enciclopédico, um compêndio de todo o conhecimento sobre a História e o mundo no século XIII⁷. Ao mesmo tempo, é também um projecto muito caro ao rei, que em grande medida nele reflete a sua visão sobre a política e o governo no final da sua vida, precisamente após todos os fracassos por que passou⁸. Neste sentido, a continuidade da *General Estoria* explica-se pelo facto de esta obra reunir tanta informação sobre uma plêiade de acontecimentos históricos relevantes para a formação intelectual da Idade Média – a antiguidade greco-latina a par da história bíblica. No entanto, quer pelas suas dimensões, quer pelo carácter ideologicamente marcado do projecto, assiste-se também a uma rápida desintegração da obra, da qual só subsistem dois manuscritos da corte régia⁹ e que, desde muito cedo, passa a ser reproduzida parcialmente, recolhendo-se em alguns dos testemunhos apenas a matéria bíblica ou pagã¹⁰. Não deixa por isso de ser interessante constatar a longevidade do legado da obra alfonsina em contextos alheios à corte de Afonso X, em cronologias e locais mais afastados. A recepção e divulgação do texto em Portugal, sob a forma de comentários, traduções,

Lyon, 2012 (tese de doutoramento).

5. Jesús Menéndez Peláez, «Las biblias romanceadas y su influencia en la *General Estoria*», in *Studium ovetense*, V (1977), pp. 37-65.
6. Veja-se Daniel Eisenberg, «The *General Estoria*: sources and treatment», in *Zeitschrift für romanische Philologie*, 89, 1-3 (1973), pp. 206-227.
7. Georges Martin, «Determinaciones didáctico-propagandísticas en la historiografía de Alfonso X el Sabio», in *La construcción de los Estados Europeos en la Edad Media: la propaganda política*, Benissa, Espanha, 2003.
8. Além da situação de exílio e de guerra civil contra o seu filho Sancho, o fracasso do projecto imperial marcam profundamente a última fase da vida do monarca. Para uma biografia sucinta mas muito completa, veja-se Francisco Bautista, «El autor: Biografía», in *Alfonso X el Sabio*, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. URL: <http://www.cervantesvirtual.com/portales/alfonso_x_el_sabio/autor_biografia/>, [27/07/2016]. A relação entre a *General Estoria* e as ambições imperiais de Afonso X foi já há muito considerada por Francisco Rico, *Alfonso el Sabio y la «General estoria»*. *Tres lecciones*, 2ª ed., Barcelona, Ariel, 1984.
9. Testemunhos A (Biblioteca Nacional de España, 816) e U (Biblioteca Apostolica Vaticana, Urb. lat. 539).
10. Esta situação é particularmente notória em testemunhos da terceira parte, como R (Biblioteca Pública de Évora, cxxv 2/3), que apenas transmite a matéria bíblica, e Av (Biblioteca Nacional de España, Res. 279), que copia exclusivamente a história pagã.

citações explícitas ou implícitas, ou até como referências em bibliotecas pessoais, revelam a persistência do texto muito além das suas circunstâncias de produção e recepção iniciais.

Para o âmbito galego-português, assinala-se a notável continuidade do uso da *General Estoria* desde o século XIV até ao século XVI. Além da tradução galega feita a partir de um rascunho da primeira parte da obra, poucos anos após a morte do monarca castelhano¹¹, verificam-se em território português pelo menos duas formas de recepção da obra alfonsina: os comentários ao saltério do manuscrito cxxv 2-3 da Biblioteca Pública de Évora, elaborados por uma mão portuguesa sobre o texto castelhano¹² e, mais significativamente, o uso recém-identificado da obra pelo conde D. Pedro de Barcelos na sua *Crónica de 1344*, onde se recolhe da história universal castelhana o relato para a vida de Hércules¹³. Ao longo do século XV, no seio da corte de Avis, detectam-se citações e alusões à *General Estoria* levadas a cabo por monarcas, infantes e cronistas, assim como subsistem fragmentos que dão conta de um projecto de tradução da obra castelhana «em nosso lynguaagem portugues»¹⁴. Finalmente, no século XVI, manifesta-se o conhecimento da *General Estoria* por parte de Gil Vicente que, no seu *Auto de la Sibilla Casandra*, recolhe inspiração a partir de uma narrativa presente no texto alfonsino: a peculiar profecia de Cassandra que, antevendo o nascimento de Cristo, se considera candidata a mãe do filho de Deus¹⁵.

11. Trata-se do testemunho F (Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo de El Escorial, O.I.1), editado por Ramón Martínez-Lopez, *General Estoria. Versión Gallega del Siglo XIV*, Oviedo, Facultad de Filosofía y Letras, 1963, e estudado também por Ricardo Pichel Gotérrez, «Tradición, (re)traducción e reformulación na *General Estoria* e na *Estoria de Troya* alfonsinas á luz dun testemuño indirecto do séc. XIV», in *e-Spania*, 13 (2012). URL: <<http://e-spania.revues.org/21124>>, [25/07/2016].
12. Ver Mariana Leite, «Entre galego-português e castelhano: sobre a marginalia da tradução dos Salmos no manuscrito R da General Estoria de Afonso X», in *Actas online de Gallaecia - III Congreso Internacional de Lingüística Histórica* [no prelo].
13. José Carlos Ribeiro Miranda, «A *Crónica de 1344* e a *General Estoria*: Hércules e a Fundação da Monarquia Ibérica», in Marta Haro (ed.), *Literatura y Ficción: 'estorias', aventuras y poesía en la Edad Media*, València, Universitat de València, 2015, pp. 209-224.
14. Segundo a tradução portuguesa transmitida pelo fragmento 30, caixa 21 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, transcrito em Leite, «Entre galego-português...», p. 290.
15. Veja-se Mariana Leite, «Gil Vicente, Lector de Afonso X: Sobre o Auto da Sibila Cassandra e a General Estória», in Maria do Rosário Ferreira, Ana Sofia Laranjinha, José Carlos Ribeiro Miranda (org.), *Seminário Medieval 2007-2008*, Porto, Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade, 2008, pp. 41-60. Para uma perspectiva mais alargada do fenómeno, *idem*, «Cassandre et Cumane: deux sibilles entre l'Espagne et l'Italie», in A. Musco - G. Musotto (eds.), *Coesistenza e Cooperazione nel Medioevo. In memoriam Leonard E. Boyle (1923-1999). IV Congresso Europeo di studi Medievali della Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales (F.I.D.E.M.)*, Palermo 23-27 giugno 2009, Palermo, Biblioteca dell'Officina di Studi Medievali, 2013, pp. 763-771.

Desde meados do século xx que se conhece a existência de fragmentos manuscritos que testemunham a versão para português da *General Estoria*. Detectados pela primeira vez por Adelino Jesus da Costa, em 1949¹⁶, foram parcialmente transcritos em 1956 por Mário Martins¹⁷. Este primeiro conjunto de fragmentos, quatro fólios pergamináceos redigidos a duas colunas, numa letra gótica elegante e de elaboração cuidada, pertence ao mesmo manuscrito, datado do século xv. Conservados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, caixas 29 a 32, dão conta de um projecto de tradução e de transmissão manuscrita que investe na qualidade das cópias. Em 1991, uma estudante do curso de paleografia de Saul Gomes, Maria Clara Fevereiro, encontrou no Arquivo Distrital de Castelo Branco um novo fragmento¹⁸, encadernando um livro notarial, editado e estudado em 2006 por Arthur Askins, Aida Dias e Harvey Sharrer¹⁹. Este segundo testemunho poderá ser ligeiramente anterior aos fragmentos encontrados em 1949, mas dá conta de um trabalho bastante menos elaborado: o texto está redigido em letra chancelaresca, mais cursiva, também a duas colunas, em papel e sem qualquer tipo de ornamentação. O fragmento distingue-se dos anteriores também pelo facto de transmitir matéria da segunda parte da obra, enquanto os fragmentos da Torre do Tombo apenas contêm matéria da primeira.

Finalmente, em Dezembro de 2012, o investigador da Universidade Nova de Lisboa Pedro Pinto²⁰ identificou um terceiro conjunto de fragmentos manuscritos, preservados na Torre do Tombo. Este novo conjunto, já descrito na plataforma da BITAGAP com o ManId 5893²¹, torna-se especialmente surpreendente pelo facto de ser muito mais tardio do que os testemunhos fragmentários anteriores. Com efeito, este fragmento está redigido em papel, em letra moderna, a uma coluna, sem ornamentações, a tinta negra e títulos vermelhos, datando do século xvi. Ao mesmo tempo, este fragmento mais extenso – constituído por 5 fólios, praticamente o dobro dos dois testemunhos fragmentários anteriores – congrega matéria da primeira parte não abrangida pelos testemunhos parciais encontrados no século passado. De facto, os novos fragmentos transmitem o texto da *General Estoria* a partir da descrição da descendência de Jacob até contar a história da fundação das escolas de Atenas por Júpiter: ou seja, um total de nove capítulos traduzidos para português, correspondentes aos capítulos 26 a 29 do Sétimo Livro da Primeira

16. Avelino Jesus da Costa, *Fragmentos preciosos de códices medievais*, Braga, Separata de Braga. Boletim do Arquivo Municipal, 1949.

17. Mário Martins, «A tradução da “General Estoria” e da “Formula Vitae Honestae”, em português», in *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Livraria Cruz, 1956, pp. 93-104.

18. Arquivo Distrital de Castelo Branco, CNCVL / 01 / Lv014.

19. Arthur Askins, Aida Dias, Harvey Sharrer, «Um Novo Fragmento da *General Estoria* de Afonso X em Português Medieval», in *Biblos*, 2ª série, 4 (2006), pp. 93-124.

20. Agradecemos ao investigador a indicação da existência destes fragmentos, disponíveis nos fundos digitais do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *DigitArq*. URL: <<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4691259>>, [30/07/2016].

21. «BITAGAP» na página *PhiloBiblon*, URL: <<http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/index.html>>, [27/07/2016].

parte. Assim sendo, o fragmento transmite a matéria imediatamente anterior à que se copia no testemunho 29 da Torre do Tombo, descoberto em 1949, onde se explicam quais os saberes ensinados nas escolas de Atenas.

O estado de conservação do manuscrito coloca alguns entraves à sua edição. Com efeito, o texto encontra-se danificado em vários locais, além de ter sido cortado lateralmente. Por outro lado, entre o terceiro e quarto fólios do conjunto, existe um hiato a que corresponderia o fim do capítulo 29 e início do 30. No entanto, a maior parte do documento é legível, e é mesmo possível notar uma grande regularidade gráfica e a escassez de abreviaturas. É possível perceber que, não sendo um manuscrito luxuoso, é no entanto um trabalho cuidado, visando uma leitura fácil sem que a apresentação estética não tenha sido totalmente descurada. Poder-se-á assim considerar que foi um documento produzido com o intuito de transmitir com clareza o texto mas, ainda que sem chegar ao tipo de labor dos fragmentos do século xv. Não será, por isso, um texto de divulgação mais amplo para públicos especializados, habituados a uma escrita fortemente marcada pelo uso de abreviaturas – como é o caso de um público académico ou clerical – mas mais provavelmente fruto de uma encomenda para uma biblioteca particular²².

Estas considerações devem ser ponderadas a partir do que se sabe sobre a presença da General Estória em Portugal, tema a que brevemente aludi anteriormente. O período de maior vivacidade da obra em contexto português é sem dúvida o século xv, mais propriamente no seio da corte de Avis, especialmente durante as primeiras gerações. O próprio projecto de tradução parece dar conta de uma vontade política de apropriação do texto castelhano por parte da nova dinastia recém-chegada ao poder, ainda falha em legitimidade mas que, em larga medida, se aproxima intelectual e ideologicamente das correntes humanistas europeias.

Sobre a recepção directa do texto, existe a clara referência de Fernão de Oliveira que, em 1536, assinala a encomenda da tradução da General Estória por parte de D. João I²³. De facto, o primeiro rei de Avis recorre à General Estória para tecer as suas considerações sobre Actéon no seu *Livro de Montaria*²⁴. Do mesmo modo, consta da biblioteca régia de D. Duarte uma «História Geral» que, sem dúvida, será a obra castelhana,

22. Poderá aqui pensar-se no interesse por histórias de carácter universal neste período, como a tradução e cópia da tradução da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor. Veja-se as considerações de Joaquim Mendes de Castro (ed.), *Bíblia de Lamego. Estudo bíblico-literário*, Edição de Autor, 1998, e Mariana Leite, «Os testemunhos da tradução portuguesa da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor: consequências ideológicas da selecção de fontes», in *Cahiers d'Études Hispaniques Médiévales*, 33, (2010), pp. 183-194.

23. Fernão de Oliveira, *Grammatica da linguaagem portuguesa*, Lisboa, casa de Germão Galharde, 27, 1536, cap. xxxi, p. 46. Disponível em livre acesso pela Biblioteca Nacional de Portugal. URL: <<http://purl.pt/120>>, [30/07/2016]. Esta alusão já fora estudada por Luís Lindley Cintra, «Sobre uma tradução galego-portuguesa da General Estoria de Afonso X», in *Boletim de Filologia*, XII (1951), pp. 184-191.

24. Mário Martins, «A racionalização cristã em Ovídio na *General Estoria* e no *Livro da Montaria*», in *Estudos de Cultura Medieval III*, Lisboa, Brotéria, 1983, pp. 119-131.

eventualmente vertida para português. Também o seu irmão D. Pedro parece ter conhecido a obra alfonsina, tomando as considerações sobre as tipologias narrativas do prólogo à história de Troia que surge na obra castelhana²⁵. Finalmente, o Condestável D. Pedro recupera também da *General Estoria* material para a sua *Sátira de Felice e Infelice Vida*²⁶; neste caso, poder-se-á duvidar de qual o contacto do infante exilado com o texto, uma vez que o poderá ter conhecido em Aragão. De qualquer forma, encontramos em pelo menos três gerações da dinastia avisina citações do texto de Afonso X.

Além destes usos directos por parte de membros da casa de Avis, de muita importância se revestem as manifestações de conhecimento da obra castelhana por parte de elementos afectos à corte régia. Refira-se o caso de Gomes Eanes de Zurara, que da *General Estoria* retira as informações geográficas e zoológicas para a sua *Crónica dos Feitos Notáveis da Guiné*²⁷. De relevância é também a edição dos *Autos dos Apóstolos*²⁸, sob encomenda da rainha D. Leonor em 1505²⁹, uma vez que tudo aponta para que a obra, de autoria de Bernardo de Brihuega, fosse a continuação do texto alfonsino interrompido aquando da morte de Afonso X. É no mesmo âmbito que Gil Vicente produz o seu *Auto de la Sebilla Casandra*, recolhendo inspiração numa passagem da obra alfonsina³⁰.

25. Mariana Leite, *A General Estoria de Afonso X em Portugal: As múltiplas formas de recepção do texto alfonsino entre os séculos XIV e XVI*, Porto, Universidade do Porto, 2012, pp. 251-261 (tese de doutoramento). As considerações foram retomadas no meu inédito «Leituras do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra: à descoberta de influências da *General Estoria* no *Livro da Virtuosa Benfeitoria*». Comunicação apresentada no 5º Congresso Europeu de Estudos Medievais da Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales (F.I.D.E.M.): «Segredo e descoberta na Idade Média», Porto, Universidade do Porto, 25-29 de junho, 2013.
26. Sobre esta questão, vejam-se as considerações tecidas por Elena Gascón Vera, *Don Pedro, Condestable de Portugal*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1979.
27. Tal como notou Duarte Leite, *Acerca da «Crónica dos feitos da Guínea»*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1941, e analisou Joaquim de Carvalho, «Sobre a erudição de Gomes Eanes de Zurara (notas em torno de alguns plágios deste cronista)», in *Obra completa, II. História da Cultura, 1948-1955*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, pp. 185-340.
28. Bernardo de Brihuega, *Vidas e paixões dos apóstolos: edição crítica e estudo*, ed. Isabel Cepeda, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1982. Destaque-se a leitura da introdução à edição, onde estas questões são aprofundadas.
29. Veja-se ainda Isabel Cepeda, «Os Livros da Rainha D. Leonor, segundo o inventário de 1537 do Convento da Madre de Deus», in *Revista da Biblioteca Nacional*, 2 (1987).
30. Gil Vicente, *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, ed. Isabel Cepeda, Lisboa, INCM, 1984. O auto é dedicado a D. Leonor, por época de Natal. A datação é incerta, sendo muitas vezes indicado o ano de 1513, época em que é traduzida a obra de Andrea da Barberino, *Il Guerrin Meschin*, ed. Mario Cursietti, Roma – Padova, Editrice Antenore, 2005. Veja-se Maria Idalina Resina Rodrigues, «Deambulações e inquietações em torno do *Auto da Sibila Casandra*», in *Via Spiritus: revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 6 (1999). A datação poderá ser contestada considerando as conclusões a que cheguei em 2008 («Gil Vicente, Leitor de Afonso X...»); no entanto, as circunstâncias de produção não deixam de ser a corte de D. Leonor, tornando-a um pólo de divulgação de material alfonsino.

Perante estes dados, cabe perguntar o que é que este novo testemunho pode revelar sobre a circulação da obra alfonsina em Portugal. Se, até agora, se calculava que a iniciativa de tradução e transmissão do texto vigorou especialmente ao redor das primeiras dinastias de Avis, uma vez que tanto os testemunhos da tradução como a referência de Fernão de Oliveira apontam para o reinado de D. João I como o momento em que se procede à versão da obra castelhana para português, a existência de uma cópia consideravelmente mais tardia permite alargar o período de influência do texto de Afonso X em Portugal.

De facto, o uso dos fragmentos mais antigos como capas de livros notariais ainda em meados do século XVI parecia apontar para um simples desinteresse pela obra, o que poderá não ser totalmente verosímil. Ao existir uma outra cópia, mais recente, do mesmo texto, poder-se-á então considerar que a desintegração dos códices que transmitem a tradução efectuada ainda no século XV é independente da real importância concedida à obra, uma vez que existia uma cópia mais recente. Neste sentido, pode então alargar-se com muito mais atenção o estudo da *General Estória* em Portugal ao longo do século XVI, visto que o uso do texto alfonsino poderá ter sido bem mais relevante do que inicialmente foi considerado.

Efectivamente, dever-se-á num primeiro momento comparar este fragmento seiscentista com os manuscritos castelhanos que ainda existem³¹. Na verdade, ao contrário do que sucede com outros testemunhos castelhanos da obra, especialmente os mais tardios, este testemunho português do século XVI não copia apenas a matéria que suscitaria mais interesse ao público renascentista, isto é, a matéria pagã. De facto, nota-se uma tendência para o apagamento da obra em Castela a partir do século XVI, embora o texto fosse ainda conhecido no final do século XV, nomeadamente nas bibliotecas de Isabel a Católica ou do Marquês de Santilhana³². Porém, um dos testemunhos mais recentes, que copia a terceira parte³³, manifesta o desinteresse pela *General Estoria* enquanto história universal coesa, preferindo-se copiar apenas a matéria de Tróia e de Roma, tal como dois séculos antes se preferira reproduzir apenas a matéria bíblica do projecto alfonsino.

É significativo que tal fenómeno não ocorra em contexto português. De facto, todos os fragmentos revelam traduções integrais, visto que a matéria bíblica e pagã é igualmente copiada. Poderá ser uma questão de sorte, uma vez que o acaso permitiu que os fragmentos preservassem matérias variadas, mas não deixa de ser relevante perceber que a obra castelhana circulou sempre em tradução integral em Portugal. Isto significa que

-
31. Além do já citado testemunho régio A, será importante colacionar o fragmento com os testemunhos B (Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo de El Escorial, Y-I-6) e D (Biblioteca Nacional de España, 8682), que contém a matéria transmitida pela tradução.
 32. Que encomendou o testemunho H (Biblioteca Nacional de España, 10236). Veja-se a descrição em Inés Fernández-Ordóñez, «*General Estoria*», in Carlos Alvar, José Manuel Lucía Megías (eds.), *Diccionario Filológico de Literatura Medieval Española*, Madrid, Castalia, 2002, pp. 42-54.
 33. O já referido testemunho Av.

mesmo no século XVI, quando o Humanismo já se impõe como corrente literária e o acesso directo a textos da antiguidade clássica é privilegiado, a *General Estoria* terá permanecido como referência para a divulgação historiográfica do mundo antigo e da Bíblia.

Tais elementos poderão criar novas pistas de investigação. Numa primeira fase, a edição integral dos fragmentos irá permitir uma análise mais profunda do estado da língua e a situação estemática do texto em relação tanto aos testemunhos de tradução anteriores como à tradição textual castelhana. Efectivamente, a avaliação dos fragmentos da primeira e segunda partes possibilitou novas considerações sobre o estatuto da tradução portuguesa em relação aos códices castelhanos: tanto para a primeira como para a segunda partes, isto é, para os fragmentos da Torre do Tombo mais antigos como para o de Castelo Branco, verifica-se uma grande proximidade em relação ao arquétipo, ou seja, que a tradução é feita a partir de testemunhos muito próximos do texto chancelado por Afonso X³⁴.

Podendo situar o novo conjunto de fragmentos em relação aos testemunhos castelhanos – tarefa facilitada pelo facto de existir um testemunho da corte alfonsina para a primeira parte, o manuscrito A, será então mais fácil perceber se os novos fragmentos serão, de facto, uma cópia mais tardia da tradução de que os fragmentos anteriores dão conta ou se estaremos perante uma nova iniciativa de tradução. Ao que tudo indica, estaremos perante uma cópia da tradução e não um novo projecto de versão portuguesa iniciado no século XVI.

Finalmente, a partir destes dados que se esperam obter com brevidade, tornar-se-á possível alargar o espectro de obras a considerar para o estudo da *General Estoria* em Portugal. Efectivamente, o trabalho que anteriormente elaborei não considerou tão profundamente o século XVI por parecer que neste período já havia um desinteresse pela obra castelhana, fenómeno de que dão conta os usos dos fragmentos como capas notariais. Será assim possível eventualmente expandir o corpus de materiais que assinalam a recepção da *General Estoria* bem como os seus limites cronológicos inicialmente avançados por mim. Este avanço poderá eventualmente ajudar à compreensão dos motivos pelos quais Gil Vicente conheceu a obra de Afonso X: é possível que esta não fosse apenas um vestígio mas ainda um fenómeno activo em Portugal.

O fragmento encontrado em 2013 interrompe-se precisamente no título do capítulo onde se descreve com grande beleza a importância de Atenas para a divulgação da sabedoria; no texto em castelhano, diz-se que «allí fueron primeramente las escuelas de los saberes de Grecia, dond vino a los latinos después el saber que ovieron, assí como viene ell arroyo de la fuente a los quel an mester»³⁵: talvez tal tenha sido o destino do mais audacioso projecto de Afonso X, transformado em fonte de água que fecundou abundantemente a cultura posterior.

34. *Stemmata codici* propostas em Leite, *A General Estoria de Afonso X...*, pp. 205-208 e 237-239.

35. Alfonso X, *General Estoria*, 1ª parte, tomo I, cap. xxxiv, p. 377.